

A condição de estrangeiro e a identidade latino-americana

Lucie Josephe de Lannoy

O enraizamento é a primeira necessidade da alma e a mais negligenciada.

Simone Weil

A condição de estrangeiro é um tema tão antigo quanto o mito da expulsão de Adão e Eva do paraíso. Mas hoje ele continua mais atual do que nunca. Nesta época de *globalização*¹, muitas culturas entram em contato entre si, ao mesmo tempo. Nem sempre é possível um encontro, pois não se elabora o choque de culturas naturalmente. Esta situação traz em si o desafio de diferentes tarefas a serem enfrentadas.

No mundo globalizado, há o perigo de que as diferenças sejam anuladas, de que não se respeitem valores pertinentes a cada cultura específica. Na verdade, todos se tornam, de repente, estrangeiros: assiste-se a filmes importados, participa-se de projetos econômicos internacionais, busca-se solução para o problema climático da Terra, comunica-se pela internet, consomem-se produtos das mais variadas procedências. Enfim, as culturas encontram-se cada vez mais interligadas, o que se reflete na linguagem, nos sentimentos, na literatura.

De certa forma, os povos da América Latina configuraram uma visão de si mesmos influenciada tanto pela colonização quanto pela globalização. E por isso os discursos que os latino-americanos constroem sobre si próprios precisam ocupar o seu lugar. Uma das vozes que emergem nessa busca de afirmação é a do poeta peruano César Vallejo. Vallejo traz consigo uma dicção autóctone.

Penso em César Vallejo como um paradigma humano. Alguém que sintetiza, em sua vida e obra, as raízes e identidades que constituem o homem latino-americano. Como nos nutrimos da sua poesia? Nessa poesia que nos inquieta há uma insegurança necessária para ir buscar, além das aparências, o conteúdo do poema. Vallejo arca com a incerteza, com aquilo que não é dogma; e se há uma possibilidade de absoluto ela está na liberdade humana de escrever. Também a própria

¹ A “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 67.

palavra revela-se **nua**, perante a qual tudo fica a descoberto, inclusive e, sobretudo, quem nós somos.

É preciso iniciar dizendo algo da condição de estrangeiro, para situar tanto a natureza do poeta, segundo palavras de Blanchot, quanto para demarcar o meu olhar, um olhar fora da época em que foi escrita a poesia de Vallejo. Assim há um pouco do desterro e da condição sempre mais constitutiva dos povos em tempos da globalização. Desse modo, redimensiona-se o conceito de estrangeiro, transcendendo-o graças à forma e à semântica literárias. E Blanchot nos lembra que

o poeta está em exílio, está exilado da cidade, exilado das ocupações regulamentadas e das obrigações limitadas, do que é resultado, realidade apreensível, poder. O poema é exílio, e o poeta que lhe pertence, pertence à insatisfação do exílio, está sempre fora de si mesmo, fora de seu lugar natal, pertence ao estrangeiro, ao que é o exterior sem intimidade e sem limite, esse desvio que Hölderlin menciona, em sua loucura, quando aí vê o espaço infinito do ritmo. Esse exílio que é o poema faz do poeta o errante, o sempre desgarrado, aquele que é privado da presença firme e da morada verdadeira².

Por um lado, fala-se do poema como exílio, pela condição do poeta com sua sensibilidade algo exagerada em relação à percepção comum, e por isso colocado à margem. Por outro, também é verdade que alguém como César Vallejo – que teve que deixar o Peru para nunca mais voltar ao seu país natal – torna-se expressão de tantos latino-americanos que se viram, voluntaria ou involuntariamente, forçados a deixar o seu país de origem, e vivenciar, como diz Said, o exílio, que

nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre³.

Algo tão definitivo quanto esse sentimento de perda é a realidade irreparável da morte, presente no poema transcrito abaixo, Piedra negra sobre una piedra blanca.

² BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p. 238.

³ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

Piedra negra sobre piedra blanca

Me moriré em Paris com aguacero,
Um dia del cual tengo ya el recuerdo.
Me moriré en Paris – y no me corro –
Talvez un jueves, como es hoy, de otoño.

Jueves será, porque hoy, jueves, que proso
Estos versos, los húmeros me he puesto
A la mala y, jamás como hoy, me he vuelto,
Con todo mi camino, a verme solo.

César Vallejo ha muerto, le pegaban
Todos sin que él les haga nada;
Le daban duro con un palo y duro

También con una sogá; son testigos
Los días jueves y los huesos húmeros,
La soledad, la lluvia, los caminos...

Segundo uma tradição popular, dos índios no Peru, costumava-se ir contando com uma pedra branca os dias felizes, e os infelizes com uma pedra negra. No título do poema, pode-se pensar que a pedra negra remete ao dia da morte, o qual se sobrepõe aos dias brancos. Parece que Vallejo prenuncia o dia em que vai morrer, como quem diz que nesse não-lugar, longe da minha Pátria, não poderá permanecer vivo. No entanto, a lembrança deste poema tão belo é uma fonte inesgotável de luz, ou seja, é uma energia constante que se perpetua para além do tempo e do espaço.

Este soneto, que é a forma romântica por excelência, dá uma alternativa à visão clássica dos românticos ocidentais. O sofrimento de Vallejo não é niilista e nem corresponde a algum conceito. Vallejo apenas mostra a sua autenticidade, serve-se da poesia para expressar a realidade de sua vida e do ambiente circundante. Entretanto, Vallejo vai além do sentimento clássico do romantismo: ele sofre com a humanidade, o seu significado é o outro; e, por isso, a sua poesia é mais do que fraterna, solidária. Ela é também uma forma de refletir sobre a identidade latino-americana.

Sendo os ossos testemunhas, como diz o poema – “Jueves será, porque hoy, jueves, que proso / estos versos, los húmeros me he puesto a la mala y, jamás como hoy, me he vuelto” [...] “los días jueves y los huesos húmeros” –, eles remetem ao sofrimento da criação. O corpo da linguagem passa a expressar sua própria libertação, pois o sofrimento dessa criação é testemunhado pelos ossos. O osso, como metáfora da linguagem, transmite a consciência da necessidade de se despir do superficial para ir em busca das raízes, sob pena de perdê-las e não poder se comunicar. Então Vallejo não se refere apenas a seus próprios ossos, mas também inscreve no poema a vida dos

antepassados, como um sinal de identificação. Como o poema resgata as raízes, pode-se encontrar nele a energia necessária para saber quem se é e atingir uma comunicação sempre mais clara e expressiva da identidade. Nesse sentido, Roland Barthes afirma que

lengua y estilo son fuerzas ciegas. La escritura es un acto de solidaridad histórica. Lengua y estilo son objetos; la escritura es una función: constituye la relación entre la creación y la sociedad, es el lenguaje literario transformado por su destino social, es la forma separada en su intención humana y ligada también a las grandes crisis de la historia⁴.

Os desafios da globalização remetem ao fato de se constituir, numa dimensão ainda maior, a identidade plural da América Latina, na qual se imbricam muitas raízes e culturas.

Como cidade cosmopolita, mas também de refúgio para estrangeiros de todas as feições, Paris, paradoxalmente a Cidade-Luz, é a escolhida para o exílio derradeiro de Vallejo: “Me moriré en París – y no me corro – tal vez un jueves, como es hoy, de otoño”. *Jueves, Quinta-feira*, na tradição cristã corresponde ao dia da instituição da comunhão de Deus com os homens, a primeira missa. *Quinta-feira* é uma expressão que recupera a idéia de comunhão de Vallejo com o ser humano, o que ressignifica a sua escrita da poesia, para além do sentido da morte.

A chuva é outro símbolo em Vallejo: “la soledad, la lluvia, los caminos”. Assim como no poema Trilce LXXVII, no qual diz “¿Hasta dónde me alcanzará esta lluvia?”, a chuva traduz aqui o sentido de inspiração, criação, sofrimento. Essa figura se repete no verso “Me moriré em Paris com aguacero”. “Aguacero” é o termo utilizado no Peru para *lluvia*, chuva. Já a “solidão”, “la soledad”, sintetiza o que se propõe elaborar neste trabalho, a condição de estrangeiro, a globalização que bane as tradições, as referências; mas, paradoxalmente, a força das raízes que se ressignificam no poema ao lembrar o ser único, mas diferente e com a força de todos em si. A expressão “Os caminhos”, “los caminos”, deve ser escrita no plural, pois não há um caminho único. Andando se fazem caminhos (parafrazeando a canção de Juan Manuel Serrat, *Caminante, no hay camino*), pois restam possibilidades em aberto, não apenas para o poema mas para América Latina. De fato o poema, que aparentemente trata da morte e da solidão, ensina a atravessá-las de modo a conectar-se com um duplo: por um lado, com o palpável; e por outro, com o inefável, de modo que a linguagem constrói uma imagética da condição humana.

A dor do poeta se traduz na imagem de um Cristo sofredor, ao anunciar a sua morte e se lembrar que todos o espancavam injustamente: “César Vallejo ha muerto, le pegaban / Todos sin que él les haga nada; / Le daban duro con un palo y duro”. Nessa passagem, ele retrata a condição

⁴ BARTHES, Roland. *Le degré zero de l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 1975, p. 24.

dos povos marginalizados e oprimidos, os quais só podem contar com a solidão, as chuvas, os caminhos, a dor. Neste tempo de globalização, isso se atualiza por meio de uma ideologia da exclusão, porém, pelo que o poema não diz, é possível perceber que a realidade não pára aí.

Dizer menos para sugerir mais faz parte do caráter sintético da poesia vallejiana. Segundo Touraine,

deve-se reconstruir [...] a partir do indivíduo que se torna sujeito. Há sempre uma tendência à moralização, à criação e à imposição de normas, o papel do escritor ou do artista é o de insistir no gesto e na necessidade de ruptura. Se o grão não morre. Mas também é preciso que o mesmo grão faça crescer a planta!⁵.

Desde os tempos coloniais, a questão da identidade latino-americana tenta se afirmar como uma resposta à necessidade de delinear uma trajetória e discursos próprios. César Vallejo, segundo Flores, representa uma síntese de vida e poesia e resume no seu canto, de modo substantivo, o ser latino-americano⁶. Num mundo em que, pelos discursos, parece não caber a poesia, há o sabor do ritmo e do silêncio necessários à maturação da identidade latino-americana.

Ao mesmo tempo em que Vallejo é um exemplo de quem rompe com a linguagem formal e a gramática instituída, ele faz crescer a planta da comunicação. Ao apropriar-se da língua, enriquece-a e dá à sociedade a possibilidade de reencontro com as suas raízes mais genuínas. O poeta, ainda que como um estranho, devolve à sociedade a identidade ameaçada pela globalização.

Para tocar no cerne da escrita é preciso ponderar o sentido paradoxal da linguagem. Quando o poeta registra que “jamás como hoy, me he vuelto, / com todo mi camino, haver me solo”, a questão da temporalidade é negada pelo advérbio “jamás”, mas, por outro lado, é atualizada quando diz “hoy”. E essa solidão extrema que abarca todo o seu caminho, ao usar o verbo “voltar” – o qual tem o sentido do devir – também aponta o regresso como uma esperança. É como se anulasse os opostos, é como se a vida se manifestasse, por um fio, na sutileza da linguagem, elemento constitutivo da identidade.

bibliográficas

BARTHES, Roland Barthes, *Le degré zero de l'écriture*. Paris : Éditions du Seuil, 1975.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FLORES, Félix Gabriel. César Vallejo: pasión de América. *Cuadernos Latinoamericanos*, nº. 262. Madrid, 1972, p. 77-104.

⁵ TOURAINE, Alan e KHOSROKHAVAR, Farhad. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004. p. 95.

⁶ FLORES, Félix Gabriel. César Vallejo: pasión de América. *Cuadernos Latinoamericanos*, nº. 262. Madrid, 1972, p. 77-104.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOURAINÉ, Alan e KHOSROKHAVAR, Farhad. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.